



HOMO FARMACUS: ABUSOS QUÍMICOS E SUAS (IM)PERTINÊNCIAS À RACIONALIDADE NEOLIBERAL

HOMO FARMACUS: THE NORMALITY OF CHEMICAL ABUSE IN NEOLIBERAL RATIONALITY

HOMO FARMACUS: EL ABUSO QUÍMICO Y SU (IM)PERTINENCIA A LA RACIONALIDAD NEOLIBERAL

Lígia Silveira Frascareli¹

Lucas Francis e Silva Ong²

 10.21665/2318-3888.v11n21p219-241

RESUMO

Neste trabalho desenvolvemos um pensamento crítico acerca dos modos de consumo de fármacos, discutindo sobre a legitimação e/ou proibicionismo crescente dessas substâncias, utilizadas como verdadeiras próteses para aumento de desempenho e felicidade na busca de positividade da insatisfação humana. Para tal, utilizamos o referencial teórico da psicanálise aplicada, tomando de empréstimo concepções da psicanálise fora do campo estritamente clínico para compreensão deste fenômeno em sua dimensão social e política. Concluímos que as formas de consumo e abuso de fármacos são pautadas pelo modo de vida no neoliberalismo contemporâneo, que nomeia o natural humano como deficitário, autorizando subjetivamente o uso indiscriminado e abusivo de medicações que visam supostas melhorias, tratamentos, curas, *upgrades*. No contraponto, temos as práticas proibicionistas, punitivas e condenatórias acerca de drogas ilícitas e recreativas, gerando processos sociais cada vez mais excludentes e discriminatórios que localizam apenas nos marginalizados um modo de pertencimento social que diz respeito a todos nós, pois quando as limitações inerentes à condição humana são socialmente entendidas como negatividades, parece inevitável que o abuso de substâncias, sejam elas quais forem, se torne regra.

Palavras-chave: Abuso de Drogas. Psicanálise. Neoliberalismo. Proibicionismo. Medicação.

¹ Doutora em Psicologia Fenomenológica Existencial pelo do Instituto de Psicologia da USP/SP (2021). Mestra em Psicologia do Esporte na abordagem Fenomenológica Existencial, pelo IP-USP (2008). Graduada em Psicologia (2005) e Bacharel em Esporte (2009) pela Universidade de São Paulo. Atua na Prefeitura Municipal de São Paulo, em Centro de Atenção Psicossocial - álcool e drogas, e em consultório particular. E-mail: li.s.frascareli@gmail.com.

² Psicólogo graduado (2010), Mestre em Psicologia (2015) e Doutor em Psicologia (2018-2021) pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-6750-8173> E-mail: lucasong@outlook.com.

ABSTRACT

In this work we develop a critical thinking about the ways of consuming drugs, discussing about the growing legitimation and/or prohibitionism of these substances, used as true prostheses to increase performance and happiness in the search for positivization of human dissatisfaction. To do so, we used the theoretical framework of applied psychoanalysis, borrowing concepts from psychoanalysis outside the strictly clinical field to understand this phenomenon in its social and political dimensions. We conclude that the forms of drug consumption and abuse are guided by the way of life in contemporary neoliberalism, which names the natural human as deficient, subjectively authorizing the indiscriminate and abusive use of medications aimed at supposed improvements, treatments, cures, upgrades. On the other hand, we have the prohibitionist, punitive and condemnatory practices regarding illicit and recreational drugs, generating social processes that are increasingly excluding and discriminatory, which are located only in the marginalized a mode of social belonging that concerns to all of us, because when the limitations inherent to the human condition are socially understood as negativities, it seems inevitable that substance abuse, whatever substances may be, becomes the rule.

Keywords: Drug Abuse. Psychoanalysis. Neoliberalism. Prohibitionism. Medication.

RESUMEN

En este trabajo, desarrollamos un pensamiento crítico sobre las formas de consumir drogas, discutiendo la creciente legitimación y/o prohibición de estas sustancias, utilizadas como verdaderas prótesis para aumentar el rendimiento y la felicidad en la búsqueda de la positivización de la insatisfacción humana. Para esto, utilizamos el marco teórico del psicoanálisis aplicado, tomando prestados conceptos del psicoanálisis fuera del campo estrictamente clínico para comprender este fenómeno en sus dimensiones social y política. Concluimos que las formas de consumo y abuso de drogas están guiadas por el modo de vida del neoliberalismo contemporáneo, que califica al ser humano natural como deficiente, autorizando subjetivamente el uso indiscriminado y abusivo de medicamentos dirigidos a supuestas mejoras, tratamientos, curas, modernizaciones. Por otro lado, tenemos prácticas prohibicionistas, punitivas y condenatorias respecto de las drogas ilícitas y recreativas, generando procesos sociales cada vez más excluyentes y discriminatorios, que ubican solo en los marginados una forma de pertenencia social que nos concierne a todos, porque cuando las limitaciones inherentes a la condición humana se entienden socialmente como negatividades, parece inevitable que el abuso de sustancias, cualquiera que sea, se convierta en la norma.

Palabras clave: Abuso De Drogas. Psicoanálisis. Neoliberalismo. Proibicionismo. Medicação.

Introdução

O termo “*homo fármacos*” chegou a nós há alguns anos, em um seminário proferido pelo Prof. Dr. Alfredo Jerusalinsky³, e o escolhemos para nortear esta escrita sobre o fenômeno de consumo de substâncias químicas na atualidade. Naquela ocasião, o professor defendeu a ideia de que a utilização crescente das mais variadas formas de medicamentos, drogas ilícitas, estimulantes hormonais, psicoativos ou mesmo “vitaminas” se deve, na

³ Seminário teórico do curso de Especialização em Psicanálise do Centro de Estudos Psicanalíticos de São Paulo, com o título “O que diz o discurso ‘amo’ hoje?”, proferido em 18 de Julho de 2012.

atualidade, a tentativas de “positivação da insatisfação”, e o termo citado serviria para caracterizar esse aspecto da subjetividade do homem pós-moderno e neoliberal: a incapacidade, inabilidade ou recusa em aceitar as condições e limites impostos pela realidade.

Inserido subjetivamente dessa maneira em um mundo que o exige e lhe dá os meios para a anestesia dos sofrimentos, bem como para a alta *performance* em todas as esferas da vida, esse homem, *homo farmacus*, passa então a desenvolver, produzir, legitimar (ou não) e consumir diversas formas e modelos de “pílulas da felicidade.”

Este ensaio tem por objetivo articular três condições de consumo farmacológico com as condições de surgimento do *homo farmacus* enquanto fenômeno clínico e social. Sobre as condições de consumo, enumeramos: 1) a utilização de medicamentos para os mais variados fins, com necessidade médica comprovada ou não; 2) o uso de drogas recreativas lícitas ou ilícitas; 3) a utilização de substâncias para aumento do desempenho físico ou mental (que chamamos aqui genericamente de *doping*). Buscamos aproximar às condições de consumo as condições de surgimento do *homo farmacus*, apontando como os fatores presentes na pós-modernidade que levam a tal articulação: 1) disponibilidade das modalidades de consumo de substâncias; 2) ambiguidade social e subjetiva que marca as diferentes formas e produtos de uso, bem como em relação aos seus efeitos, e, especialmente, 3) a positivação do uso de substâncias como *próteses* capazes de garantir cada vez mais produtividade, “felicidade” e reparação, mesmo para aquilo que não demanda reparos.

Para tal, utilizaremos o referencial teórico da psicanálise aplicada, buscando elucidar o contexto atual como fenômeno articulador de sintoma, a saber, o modo atual de vida neoliberal e suas prerrogativas como condição que conduz ao consumo exacerbado de fármacos.

Nosso argumento central é o de que esta forma de experiência com as substâncias químicas, cuja principal característica é o uso generalizado, porém cuja aceitação é ambivalente, condiciona formas de laço social perverso e formas de existir artificializadas

e precárias, “dependentes” das mais variadas substâncias e das potências viabilizadas por elas. Durante o ensaio e nas considerações finais, apontamos o uso de fármacos como “próteses” de si mesmo, visando questionar o lugar social destinado ao toxicômano, entendendo-o antes como um ator atuando certo papel no laço social, (papel este de expiação, expurgo e marginalidade) que como uma exceção, um “transtornado”, alguém não pertencente à lógica neoliberal.

Argumentamos, já de início, que a relevância de tal assunto se revela na característica explosiva e pandêmica desta modalidade de sofrimento absolutamente presente no modo de vida de todos, usuários ou não, no tempo e na sociedade em que vivemos. As formas de uso e convivência com a multiplicidade de fármacos inviabiliza projetos efetivos de esclarecimento, prevenção e tratamento das variadas formas de dependência química, quer reconhecidas como tal, quer negadas (muitas vezes sob o nome de “tratamento”, “consumo social”, “escolha”).

1. Breves considerações metodológicas

Para discussão do tema, preconizada aqui no formato de ensaio enquanto exercício de pensamento embasado teoricamente, contamos com o referencial teórico da psicanálise aplicada, ou seja, com o empréstimo de concepções da psicanálise fora do campo estritamente clínico para compreensão de fenômenos sociais e políticos. Aposta-se na possibilidade de elucidação de não ditos, de “mal-entendidos” sociais e de fenômenos articuladores de sintomas, tanto no campo da singularidade quanto no campo da coletividade. Trabalha-se com a materialidade significativa, entendendo que a singularidade é um dos efeitos da rede discursiva, a qual se faz sempre no campo social (CHRISÓSTOMO *et. al*, 2018).

Acerca dessa abordagem como ponto de partida para a compreensão de fenômenos sociais, alega-se o risco de generalizar ou “psicologizar” fenômenos, ou ainda de realizar interpretações indevidas e pouco criteriosas. No entanto, desde Freud a psicanálise se

vale da análise de fenômenos coletivos para compreender processos individuais, tal como nos textos “Mal-Estar na Civilização”; “Totem e Tabu”; “Psicopatologia da vida cotidiana”; “Psicologia das Massas e Análise do Eu”, entre outros. Ou seja, compreendemos que a extensão e o diálogo da Psicanálise com outros campos que não apenas o *setting* clínico já estaria em sua própria origem.

Neste sentido, a fidedignidade ao método psicanalítico não estaria em mantê-lo restrito à clínica, mas na produção de um saber que não se supõe como prévio, como um dado a ser colhido da realidade, mas um saber particular, que inclui os fenômenos contratransferenciais dos pesquisadores. A motivação para pensar sobre o tema proposto se deu justamente a partir da impotência, por vezes paralisante, diante da avalanche no número, gravidade e insolubilidade dos casos de dependência química – em suas variadas formas – nos consultórios de psicologia, bem como do assustador crescimento dos casos de abuso, violência, adoecimento, empobrecimento e morte a ela associados.

Percebemos, no entanto, este fenômeno como algo que transcende os muros da saúde pública nacional e internacional, para onde os mais vulneráveis são direcionados em larga escala. É marcado, inclusive, pela ausência de muros e estruturas no caso do enorme contingente de moradores de rua usuários de SPA⁴, e, também, ignora os muros especialmente altos e intransponíveis das diferenças entre classes sociais e suas diferenças alarmantes em relação ao acesso a conhecimento, saúde e cuidado.

A partir desse imenso contingente de sujeitos submetidos ao uso das mais variadas substâncias químicas, curiosamente nos deparamos com práticas discursivas que apontam apenas os usuários de drogas psicoativas recreativas como representantes desse funcionamento social disruptivo e caótico, não pelos usos em si, mas pelo caráter compulsivo e obrigatório que comportam.

⁴ SPA: sigla utilizada para “substâncias psicoativas”.

Objetivamos nesse trabalho, portanto, apontar reflexões que ampliem a visibilidade e compreensão dos fatores socioculturais que proporcionam as condições de busca às mais variadas formas de *entorpecimento de si*.

Faz-se central em uma proposta como a desenvolvida aqui a possibilidade de produzir um saber acerca do fenômeno que ultrapasse a dicotomia, insustentável para a psicanálise, entre indivíduo e sociedade, pois

A dicotomia indivíduo e sociedade cria uma falsa ilusão de autonomia. O sujeito do inconsciente (...) é constituído a partir do desejo do outro, recriado a cada relação com o outro, e depende da modalidade de laço social. Esse laço, discursivo, pode fazer surgir o melhor ou o pior, e o pior pode estar travestido de saber o bem do outro. (ROSA & DOMINGUES, 2010, p. 183)

Assim, procurou-se desenvolver neste ensaio uma linha argumentativa que possibilite a reflexão do acontecimento social que denominamos abuso químico para além de substâncias, quantidades ou formas de consumo, mas como fenômeno intrínseco ao atual modo de vida em uma sociedade neoliberal, de consumo e de práticas dos, para e sobre os sujeitos.

2. Sobre a normalidade dos abusos

Convivemos diariamente, há décadas, com uma avalanche de informações e narrativas acerca das múltiplas e variadas crises, reconhecidamente globais, em relação à dependência química de substâncias ilícitas, bem como em relação ao tráfico de drogas, à deterioração das relações sociais e à violência gerada como causa e consequência das atividades de comércio ilegal de entorpecentes.

Paralelamente, a produção e propagação de medicamentos, suplementos alimentares e recursos cosméticos cada vez mais invasivos e transformadores da aparência dispõe a seu favor de um imenso poderio industrial, tecnológico, biopolítico, econômico e ideológico, e parece não encontrar limites de oferta ou de procura. O consumo destas substâncias

navega entre os polos da tranquila aceitação ao extremo incentivo de consumo, independente da real necessidade de determinada substância nos casos de adoecimento. Neste território, parece não haver maiores problemas com o consumo abusivo, compulsivo, irresponsável e prejudicial à saúde de produtos farmacêuticos.

O mercado de recursos ergogênicos⁵, por sua vez, também se fortalece de maneira assustadoramente crescente, encontrando uma massa de consumidores ávidos pela compra de “saúde”, “qualidade de vida”, rejuvenescimento e transformações mais ou menos radicais na aparência e no funcionamento do organismo. Emagrecedores, diuréticos, aminoácidos, vitaminas, compostos alimentares e mesmo esteroides anabolizantes são vendidos nas redes oficiais de farmácia, sendo muitas vezes prescritos por médicos, ou são obtidas no mercado paralelo por meio de esquemas de contrabando e venda direta, comércio que vai das ruas aos corredores das academias de musculação.

As propagandas e crenças acerca dos ganhos obtidos são geralmente baseadas em pouca evidência científica (MOLINERO & MARQUEZ, 2009), com estudos precários e financiados pelas próprias empresas responsáveis pelo medicamento-produto, o que torna inviável a imparcialidade das pesquisas em grande parte das vezes.

Para traçarmos outro paralelo, observamos nos últimos anos (2019-2022) um intenso retrocesso nas políticas de tratamento dos toxicômanos no Brasil, com a retomada violenta e descontrolada de práticas higienistas, de expurgo social e aprisionamento dos usuários de drogas (MONTENEGRO *et al.*, 2022), com o objetivo utópico de vencer a “guerra às drogas”.

No entanto, convivemos muito mais pacificamente, em todas as instâncias sociais, com usuários (especialmente homens) de esteroides anabolizantes cujas evidências do consumo de substâncias ilícitas e perigosas se faz presente no corpo de maneira inegável. Tal passividade pode ser compreendida pelas formas de socialização dos papéis de gênero

⁵ Garrett, Kirkendall e Donald (2003, p. 41) definem recurso ergogênico como “[...] substâncias usadas na tentativa de aumentar a potência física, a força mental ou a eficiência mecânica do gesto...” no esporte, trabalho, atividades de lazer ou demais tarefas da vida cotidiana.

(por exemplo, noções e expectativas sobre masculinidade, que é definida como um constructo social que posiciona os homens no top da hierarquia de gênero), modelando normas e comportamentos baseados nessa hierarquia. Tal masculinidade socialmente construída tem como supostas características tais como racionalidade, força, dominância, tomada de risco e heroísmo. Os efeitos atrelados a essa forma de machismo se correlacionam com a dificuldade em buscar serviços de saúde, à percepção de que a experiência de dor, fragilidade e sofrimento como não másculas, acarretando, em grande medida, o autodiagnóstico e a automedicação (BARDWELL, KERR, & McNEIL, 2019).

De aparência física “saudável”, esses usuários pertencem ao imaginário social do alto desempenho, lugar privilegiado e invejado, que os afasta de receber tratamento como pacientes psiquiátricos ou de terem sua prática de consumo de drogas sequer questionada, mesmo sendo comprovado que o uso desse tipo de substância pode tornar o indivíduo bastante impulsivo, agressivo (CHEGENI *et. al.*, 2021), ou mesmo levá-lo à morte. O discurso médico, cujos parâmetros para classificação dos transtornos relativos ao consumo de SPA são claros, entra em território cinzento quando as substâncias químicas consumidas são outras.

Nessa perspectiva é que recorremos a noção que traz a palavra grega *Phármakon*, utilizada para denominar uma substância que pode ser tanto remédio quanto veneno, que pode curar tanto quanto matar, dependendo da dose (NAVAES *et.al.*, 2010). Essa ambivalência trazida pelo termo, a partir do qual importamos a palavra fármaco, é o que marca a impossibilidade de uma decisão exclusiva por um de seus sentidos, uma vez que a palavra comporta ambos. De acordo com Kuiava e Zevallos (2010), a decisão de um sentido em favor de outro é o que marca a metafísica ocidental, presa que se encontra a uma forma dualista de pensar. Porém, uma palavra que tem por característica assinar condições opostas, curar/cuidar x matar, impossibilita fechamentos sobre o conceito e convida à reflexão sobre o “como”.

Uma questão central então se coloca: *Como nos relacionamos enquanto sociedade com o consumo de substâncias químicas hoje?* É em primeiro plano a *relação* estabelecida com o

phármakon o que se definirá se suas propriedades curativas ou mortíferas ficarão mais ou menos evidentes.

Em “Mal-Estar na Civilização” (1929; 1997), Freud já apontava para o uso da intoxicação com um método grosseiro, porém eficaz, de lidar com o sofrimento. Aponta, naquele trabalho, que as substâncias intoxicantes, além de aplacarem o desprazer pela produção imediata de prazer, permitem “[...] *um grau altamente desejado de independência do mundo externo...*” (p.27). Como motivo para a utilização desta entre outras “práticas paliativas” para lidar com o sofrimento, aponta que “[...] a vida, tal como a encontramos, é árdua demais par nós; proporciona-nos muitos sofrimentos, decepções e tarefas impossíveis” (p. 22).

Se a civilização como inevitável produtora de mal-estar já se apresentava a Freud, a pós-modernidade neoliberal se mostra mais dramaticamente radical no que tange as possibilidades de felicidade, partilha e dignidade na vida em sociedade. Assistimos o “cortejo espetacular dos vencedores” (KEHL, 2011, p. 119) e, simultaneamente, a multidão que caminha no sentido oposto, a dos “derrotados”, “deprimidos”, “incapazes”.

Por sua vez, o discurso⁶ vigente no capitalismo indica, em geral, que consumir e gozar (se possível, ao mesmo tempo) colocará o indivíduo mais próximo do “pólo dos vencedores”. O capitalismo de consumo afeta o sujeito particularmente pelo atravessamento da lei de mercado na lei do desejo, e “Os discursos que daí decorrem incitam a um modo de laço que empurra o sujeito violentamente ao gozo, seja sob a forma de consumo e lucro, seja na de sofrimento.” (ROSA, VINCENTIN & CATROLI, 2009). Tal discurso promove, portanto, a substituição de um saber simbólico sobre o gozo, a partir da sustentação de uma falta estrutural norteadora do desejo, por um gozo real, inscrito no corpo e seus automatismos. Esta é a tônica discursiva que articula sintomas não mais restritos ao circuito de economia pulsional do indivíduo, mas também sintomas sociais.

⁶ O termo “discurso”, conforme o conceitua J. Lacan (1969-1970/1992) refere-se a como se tecem as relações sociais e o que produzem como possíveis efeitos.

Define-se aqui sintoma social, a partir do exposto por Melman (2000), como aquilo que está inscrito nas entrelinhas do discurso dominante de uma sociedade em dada época. Freud, em “Psicologia das Massas e Análise do Eu” (1921/1996), usa o termo “sintoma compartilhado”, fenômeno que atribui essencialmente aos processos de identificação, e que pode ser considerado como precursor do sintoma social (ROSA, 2004). No mesmo trabalho, aponta que

[...] apenas raramente e sob certas condições excepcionais, a psicologia individual se acha em posição de desprezar as relações desse indivíduo com os outros. Algo mais está invariavelmente envolvido na vida mental do indivíduo... (p.81).

É fácil identificar a força com que o discurso vigente transparece no comportamento do sujeito toxicômano. Sua sintomatologia apresenta um suposto gozo sem limites e mortífero (PACHECO FILHO, 2007), que prescinde do pacto social “[...] porque se quer pleno, infinito e sem borda...” (VOCARO, 2004, p.64); não metaforizado e circunscrito ao registro do corpo, ou seja, do real (LEMOS, 2004).

Referir-se à toxicomania significa falar de um sujeito que, independentemente de sua constituição estrutural, apresenta um fenômeno bem caracterizado de repetição (GIANESI, 2005) e estabelece uma modalidade de relação absoluta com a substância de escolha. Esta, que no início da história de consumo funciona como objeto de prazer, torna-se objeto de necessidade (POSTIGO, 2010). A toxicomania mostra-se, assim, como uma das mais potentes e assustadoras expressões do capitalismo, pois nela o consumo se torna, de fato, uma necessidade.

Por outro lado, quando nos dirigimos à compreensão do consumo de remédios comprados em farmácias, das substâncias cosméticas e dos recursos ergogênicos, a força dos mesmos imperativos discursivos tende a permanecer oculta.

Essas modalidades de consumo não são declaradamente expressão de uma busca pela onipotência e nem do rompimento com o saber, como o é a toxicomania. Não são puramente a expressão de um “[...] não querer saber mais nada...”, como aponta Miller (2005, p. 75) sobre as passagens ao ato, pois essas formas de consumo não se excluem do

“socialmente aceito”, mas o produzem e por meio dele se legitimam. Inclusive, apresentam-se pretensamente como provas de autocuidado e “investimento em si mesmo”, ações em nome das quais os mais variados tipos de consumo abusivo podem ser mantidos.

No uso das substâncias relacionadas à *performance*, ao “bem-estar” e ao emagrecimento, o sujeito não irá se retirar do mundo, como o toxicômano que “...se satisfaz com sua própria maneira de gozar – à margem...” (SANTIAGO, 2001, P. 159). Esse sujeito fará o possível para expor a aquisição de sua nova condição, e terá espaços privilegiados para tal: do atleta de alto rendimento ao *influencer* atlético ganhando novos seguidores a cada dia, do trabalhador e pai com corpo invejável (e inatingível) à modelo ícone da moda.

Com isso, queremos argumentar que existem formas de consumo de fármacos absolutamente legitimadas do ponto de vista político e social (e concomitantemente subjetivo), que também são capazes de produzir o gozo mortífero e sem limites obtidos através da “droga”. Mortífero porque os efeitos desses outros fármacos também são capazes de, no limite, aniquilar o sujeito do desejo e sua existência biológica. Sem limites porque pressupõe um sujeito que não negocia com a castração, que vive como se não precisasse enfrentar o envelhecimento, a impotência, a derrota, a morte, ou qualquer aspecto de sua condição faltosa. Isso pode ocorrer com a cocaína ilícita, comprada clandestinamente de um traficante, ou com a Ritalina, comprada licitamente na drogaria com receita médica.

Por sua vez, o fenômeno da medicalização, fenômeno através do qual a vida cotidiana é apropriada pela medicina e pelos remédios em geral, e esta apropriação passam a interferir na construção de conceitos, costumes sociais e comportamentos (CAPONI *et.al*, 2010), diz respeito a pretensão de *tornar medicável o que não o é*, sendo expressão clara da construção de práticas legitimadoras desse gozo e das formas de poder exercidas através dele.

Fragilizar o indivíduo perante sua existência e investir maciçamente na crença de que a vida e as emoções humanas podem se dar em termos puramente biológicos faz com que

quase todos os sofrimentos e condutas possam ser redefinidos em termos médicos. “Foi no biológico, no somático, no corporal que, antes de tudo investiu a sociedade capitalista. O corpo é uma realidade biopolítica.” (FOUCAULT, 1988, p.82).

A acessibilidade e legalidade desse método de consumo de fármacos não significam necessariamente que este consumo seja uma prática menos deletéria para o sujeito, ou com consequências sociais mais brandas que o consumo de drogas recreativas. Por exemplo, estudos acerca do uso de opioides prescritos nos Estados Unidos mostram que estes já substituíram a heroína e a cocaína/crack como classe de substância mais frequentemente reportada em casos de morte relacionadas ao uso de drogas, correspondendo a padrões epidêmicos há vários anos (WEISS & ZOOROB, 2021). A impressão é a de que cada vez mais o mercado se apropria das drogas uma vez chamadas de ilícitas e as transforma em produto de consumo e de abuso. Vide o consumo de opioides, e mais recentemente o amplo e lucrativo mercado de derivados de *cannabis*. Na lógica capitalista, tudo é potencial produto.

Mesmo com o aumento do número de dependentes em medicamentos, especialmente ansiolíticos e analgésicos, outros estudos mostram que a percepção de risco em relação ao uso de medicamentos ainda é menor em relação ao risco imputado a outras drogas, porque eles são prescritos pelo médico e trazem em seu imaginário todo o conhecimento e autoridade imputada ao mesmo, sendo consideradas mais seguros e menos passíveis de causar vício (CUNHA Jr., 2022). Outro achado interessante da última pesquisa citada foi de que usuários de opioides prescritos eram em sua maioria brancos e possuíam maior renda, em comparação com usuários de cocaína e crack, apontando o caráter discriminatório em termos de classes sociais quando se pensa na caracterização da gravidade do consumo de determinada substância. Cada estrato ou camada, no entanto, possui seus respectivos abusos.

No uso da medicação prescrita (que geralmente continua após a interrupção da prescrição, ou não a segue em termos de frequência e quantidade de consumo, no caso dos analgésicos em especial), há de fato a delegação do saber a um Outro, ao símbolo do médico, que controlará, em tese, as doses possíveis e os efeitos colaterais, ao contrário do

que acontece na toxicomania, como aponta Melman (2000), onde não há possibilidade da delegação desse saber. Radicalizando esta conclusão, propõe coerentemente Lemos (2004, p. 58): “Se não convém liberar o uso da droga, pelo menos deveríamos medicalizá-la”, como forma possível de redução de danos.

No entanto, a prescrição não muda o efeito da substância, não faz desaparecer a possibilidade da utilização do remédio como forma de gozo capaz de obturar a dor de existir. Faz apenas desaparecer o questionamento desse uso no campo da ética e da verdade. Como aponta A. Jerusalinsky (2011, p.231):

Peço-lhes toda a atenção porque vamos entrar em um terreno difícil. Vamos entrar no terreno da fama para, precisamente, questionar suas razões. Viagra, Prozac e Ritalina são, hoje em dia, os medicamentos mais famosos. E, atualmente, quem tem fama goza de passe livre no campo da verdade.

Notadamente, a *performance* é outro aspecto que usufrui desse privilégio no campo da verdade. Há um lugar especial para aqueles que se dispõem ao sacrifício máximo pelo desempenho, inclusive intelectual. Em espaços mais esclarecidos com a universidade e cursos preparatórios para o vestibular, o uso de estimulantes é cada vez mais comum, de bebidas energéticas à psicotrópicos propriamente ditos (MILHOMEM *et. al.*, 2021). No campo corporal, “*Just do it*”⁷. Apenas faça. Imperativo superegóico poderoso que não faz menção ao “como”, aos meios. Se há toda uma classe toda uma classe de medicamentos para curar, há tantas outras para não adoecer, e mais ainda, ser “saudável”. Para que seja possível fazê-lo (“*do it*”). Para quando os limites físicos aparecem, existem os “*pain killers*”, os assassinos da dor em tradução literal, dizendo que ignorar ou ultrapassar os limites do corpo pode não ter consequências.

Substância emblemática em relação ao consumo de ergogênicos, os esteroides anabolizantes são derivados sintéticos da testosterona, capazes de mimetizar os efeitos desse hormônio no organismo. São drogas vendidas legal e ilegalmente, em quantidades enormes e geralmente autoadministradas por via injetável. Seu uso é feito por atletas amadores e por praticantes de atividades físicas, especialmente musculação. De um modo

⁷ Slogan (lema) da empresa Nike.

geral, chama a atenção nesses estudos a descrição das práticas de uso dos esteroides, que deve ser utilizado em ciclos e ser combinado com uma infinidade de outras substâncias sintéticas para maximizar seu efeito, além de dietas, uso de outros ergogênicos (creatina, aminoácidos, diuréticos) e de drogas estimulantes (anfetamina, cafeína, efedrina, etc.) para aumentar a capacidade de treinamento.

Os estudos sobre o tema apontam que a maioria dos usuários começa a utilizar tais substâncias para aumento do desempenho esportivo ou para melhorar a aparência física (AMSTERDAM *et. al.*, 2010). Olrich e Ewing (1999) apontam que, com o aumento do desempenho e mudança da forma corporal, os sentimentos de autoafirmação são estendidos para além das paredes das academias e clubes.

Sobre os aspectos relativos ao uso dos anabolizantes, consta na literatura que são pouco estudados, devido à clandestinidade e ao ambiente social fechado e protegido em que ele ocorre. Não se sabe com exatidão se fatores sociais contribuem para este consumo, mas são mencionados na literatura: relação empobrecida com os pais/divórcio dos pais durante a infância; vivência de abuso físico ou psicológico pelos usuários; correlação com a experimentação/abuso de outras SPAs (SKARBERG & ENGSTROM, 2007). Sabe-se, no entanto, que as substâncias utilizadas possuem efeitos colaterais importantes, tais como disfunção sexual, alterações no sistema cardiovascular, aumento da toxicidade hepática, hipertensão, morte súbita e alterações psicológicas e psiquiátricas como aumento na irritabilidade, agressividade (muitos dos usuários de anabolizantes por longo prazo costumam ter vários registros policiais por agressão), ideação suicida e depressão. O mesmo estudo comenta, na conclusão, que não é fácil recrutar sujeitos para este tipo de estudo, uma vez que usualmente eles são hesitantes quanto a admitir o uso deste tipo de substâncias, quanto a procurar ajuda ou se manterem sob cuidados médicos.

Os relatos dos usuários incluem a percepção da época de início do uso como a melhor época de suas vidas, pois nessa fase começaram a ter mais sucesso nos relacionamentos sexuais e vida social mais ativa. Com o tempo, no entanto, devido aos efeitos colaterais, às alterações comportamentais e ao uso combinado de múltiplas drogas, esses sujeitos passaram a sentir os efeitos negativos do consumo e procuraram tratamento.

Coincidentemente, Oliveinstein (1985) usa o termo “casamento feliz” entre toxicômano e droga de escolha para descrever os primeiros anos de uso. A diferença parece estar, então, no fato de que a união do sujeito com os anabolizantes é celebrada socialmente, enquanto a do toxicômano o é individualmente.

E, a depender de como se mostram os efeitos do doping, a celebração é, literalmente, um espetáculo. “Com alguma frequência se diz que o esporte é o fenômeno cultural mais importante da sociedade contemporânea” (RÚBIO & NUNES, 2010, p. 149). Tendo a imagem dos grandes atletas em mente, bem como suas performances, torna-se difícil aceitar que o doping compartilha várias características com as formas de abuso de outras substâncias químicas e remédios. O atleta depende das substâncias que usa não apenas para desempenhar, mas também para ter autoconfiança, suportar a rotina dolorosa e monótona dos treinamentos, para prevenir e se recuperar mais rapidamente de lesões, e especialmente, para ser bem pago pelo esporte que pratica. Usa as substâncias para trabalhar melhor, posto que é um profissional do desempenho. Suas drogas, no entanto, jamais são anunciadas. O que se anuncia é o talento, a condição de excepcionalidade, a disciplina e a força moral/psicológica. De que ordem pode ser o gozo produzido nessas condições, individual e socialmente?

Obviamente, não é interessante às organizações esportivas ou aos patrocinadores que se torne conhecido pelo grande público que muitos dos resultados obtidos pelos atletas não é natural, e a negação do *doping*, sua dissimulação e os métodos de mascaramento são constantes no mundo do esporte (FRANKE & BERENDONK, 1997). Os autores mencionados são incisivos ao apontar que um dos maiores experimentos científicos da história, que já se perpetua por mais de quatro décadas, é a administração de drogas a atletas para aumento do rendimento esportivo. Os atletas flagrados nos testes de controle *antidoping* são tidos como *outsiders* e são banidos das competições por variados períodos, mas essas ocorrências são consideradas exceções, concepção que pode estar muito distante da realidade do esporte de alto rendimento. Quando consultamos os recordes de um passado recente e nos damos conta do quão distantes são dos recordes atuais, podemos supor que talvez o humano já tenha encontrado os limites de seu potencial físico

natural há muitos anos, mas de forma alguma o esporte e a imensa máquina financeira e ideológica que ele sustenta poderiam comportar pacificamente tal asserção.

3. Sujeito neoliberal e as *próteses de si mesmo*

Em um trabalho como este não caberia grandes digressões históricas e conceituais acerca do neoliberalismo, cabendo-nos apenas tecer algumas considerações sobre o sujeito e a subjetividade por ele constituído, para darmos continuidade à leitura que empreendemos sobre o termo *homo farmacus*.

A grande proposta do sistema econômico e político entendido por neoliberalismo, no que diz respeito ao sujeito pós-moderno, é a individualidade geral e irrestrita na persecução dos próprios objetivos. No “cada um por si” categórico desta lógica, o sujeito pode contar apenas consigo mesmo. Na colocação dos objetivos individuais como metas pretensamente mais legítimas que os ideais coletivos, o corolário necessário é a fragilização das relações sociais e dos laços afetivos, que adquirem caráter artificial, volátil e circunstancial.

Os sujeitos, lançados a si mesmos, ficam à mercê do próprio esforço, tanto quanto dos fatos acidentais, transitórios, incertos e irracionais da sociedade e do próprio mercado. Em uma realidade tão instável, onde uma das poucas permanências sociais é o princípio da concorrência, os sujeitos se deparam com o convite sempre posto a assumirem identidades autossuficientes e polimorfos, sempre permeadas pela ideia de melhoria de si mesmo.

Ao acatar o ideário de liberdade irrestrita e de competição com os demais, o sujeito da atualidade também perfaz um complexo encontro com o desamparo. Freud (1914/1996) já apontava que a sensação de desproteção leva o sujeito à regressão a estágios anteriores de desenvolvimento, recorrendo à mecanismos de defesa mais precários, tais como o

isolamento e a onipotência. Eis o conjunto de fatores subjetivos que estabelecem os contratos narcísicos do sujeito consigo mesmo e com o mundo ao redor.

Se toda a possibilidade de autoestima fica refém da autoconfiança e do reconhecimento imaginário de uma certa potência infinita e infalível (“imbroxável”?) que nunca se sedimenta (dado que é imaginária), e o conflito psíquico normal e pertencente à condição humana só pode ser compreendido como patologia, o lançar-se para fora em busca de aditivos mostra-se a saída óbvia para este ser humano fragmentado, depauperado subjetivamente e em curto-circuito simbólico.

O universo químico oferece então alguns recursos rápidos diante do fracasso, perdas, doenças, insatisfação com a vida, tédio, realidade, obstáculos, convívio com outros, exigências, etc. A prática de buscar aditivos para si se torna parte integrante da racionalidade neoliberal – na qual o indivíduo precisa gerir a si mesmo, buscando constantemente *upgrades* que o permitem estar sempre em condições de mostrar-se competitivo, “saúdável” e capaz. Fica desenhado o caminho à adesão do indivíduo a quaisquer práticas que o possibilitem aparentemente melhorar, ainda que, a rigor, nada em si esteja realmente danificado.

Homo farmacus, significante escolhido para nortear este ensaio, denomina justamente esse humano que, na ânsia de encontrar alívio para seu desamparo e seu narcisismo, se medica além do necessário e do seguro, e encontra no remédio um novo algoz, do qual passa a precisar, para além do âmbito das necessidades fisiológicas ou terapêuticas.

Em todas as esferas sociais, a nova subjetividade, constituída pela competição e pelo desempenho, requisita o sujeito ao modo de um “empreendedor de si mesmo”, cujo modelo social central é o do atleta, sempre disposto a superar qualquer obstáculo e cuja verdade se dá no veredito do sucesso. Diante das falhas e limitações, está sempre posta a saída óbvia da depressão, estigma social daquele que não consegue corresponder à gigantesca responsabilidade que coloca sob si mesmo. Por outro lado, para escapar das falhas (ou mesmo da versão natural de si mesmo, em oposição à versão “aditivada”), está sempre posta a opção da dopagem generalizada: moderna, disponível e atrativa.

Na contemporaneidade, interpreta-se aquilo que uma vez já chamamos de normal ou natural como deficitário, uma vez que a humanidade é cada vez mais delineada por próteses que visam *upgrades* (ONG, 2022). Vigora a lógica do aprimoramento e do desempenho, e o aditivo está integrado à lógica da produtividade. Toda espera, dor, sofrimento ou inquietude, de diversas esferas, parecem ser cada vez mais controlados através de elementos químicos, em uma redução do corpo à sua esfera manipulável. As próteses não se restringem àqueles que necessitam de uma condição especial ou que se encontram em certa desvantagem: elas são corriqueiras e se tornaram normativas em nosso cotidiano.

Condições inevitáveis e intransponíveis de poucas décadas atrás parecem ter se tornado intoleráveis nos tempos atuais. Um mundo sem os anestésicos modernos, antidepressivos ou anfetaminas não parece ser um mundo pré-histórico? No entanto, tal como o mitológico canto das sereias, as evoluções farmacológicas, médicas ou recreativas, possuem um encanto ao qual se deveria ouvir com cautela, - algo que o sujeito neoliberal definitivamente não faz - correndo-se sempre o risco de, tal qual o marujo das histórias antigas, encontrar justamente no fundo do mar a resposta mortífera ao imperativo narcísico do “sempre mais”.

Considerações finais

Buscamos com este trabalho compreender como a racionalidade neoliberal intervém na construção da identidade e na ressignificação do sofrimento, definindo e estabelecendo espaços de exclusão em relação aos limites e à própria condição humana.

Argumentamos que a compreensão do uso de SPA como fenômeno social e individual encontra-se para além da leitura particular direcionado ao toxicômano, como patologia, precisando incluir as mais variadas e implícitas formas discursivas que incentivam – e mesmo exigem – a dopagem generalizada de si diante das condições de viver, ter saúde, sentir prazer e produzir na sociedade neoliberal. É necessário transcender os mais

diversos discursos acerca das drogas, tais como os provenientes dos campos médico, biológico, químico e orgânico, para se estabelecer uma leitura hermenêutica do uso de drogas tal como ele ocorre em nossa época. Tais campos científicos, por mais que sejam úteis e relevantes, muitas vezes passam ao largo de uma descrição que rearticule o uso de drogas em seu campo histórico originário.

Os toxicômanos, os “doentes que precisam de remédios”, os sujeitos em busca de saúde e esportistas: pretendeu-se mostrar até aqui que não é necessariamente a prática de consumo nem a substância consumida que determinam a distância entre os discursos relativos ao uso dos fármacos. O fator principal nas concepções a respeito desses diferentes atores/usuários parece dizer mais do lugar social que ocupam e à posição dos sujeitos na cadeia produtiva, simbólica e ideológica na sociedade atual.

Apresenta-se ainda como marcada diferença o aspecto do prazer anunciado nessas diferentes modalidades de consumo, que anuncia um fator discursivo importante: o prazer obtido com o desempenho parece pertencer a todos, poder ser compartilhado, desejado e admirado, enquanto o da droga ilícita é, por sua vez indisciplinado, solitário e destrutivo, ao menos do ponto de vista do imaginário social. À margem, na ilegalidade; ou inserido, medicalizado e produtivo: por mais que pareçam inicialmente opostos, são ambas possibilidades abertas no interior do mesmo campo histórico no qual o corpo é interpretado como aprimorável quimicamente. Abusa-se, como bem sabemos, de substância lícitas ou ilícitas, com e sem receita, isolado ou socialmente.

Argumentamos também sobre a existência de ambivalência nos discursos relativos aos consumidores de substâncias porque, em nossa concepção, é justamente o duplo valor dado às substâncias e às formas e motivações para o consumo – bem como os lugares sociais opostos imputados a esses atores – um dos fatores que contribui para a epidemia de uso compulsivo dos mais variados produtos farmacológicos. Tal ambivalência mobilizada nos e pelos discursos proibicionistas e incentivadores do consumo de fármacos marcam *regiões de exterioridade* (MAINGUENEAU, 1997) entre formas de utilização dos fármacos e práticas sociais que, em nossa leitura, se distinguem unicamente pelo viés ideológico.

No entanto, a partir do questionamento pontual dessas retóricas, como procuramos fazer neste trabalho, pudemos justapor as três modalidades de consumo de substâncias e achar entre eles um denominador comum: “*homo farmacus*”, aquele que usa o *phármakon* em sua dupla fórmula, como potência e destruição, como cura e envenenamento, como saída para si e como perda de si. O *homo farmacus* usa drogas para buscar um prazer que não pode ser obtido de outra forma, dado que se trata de um prazer ilimitado e sem arestas, mas que também usa para se valer de próteses químicas que permitem sempre mais: mais esforço, mais trabalho, mais desempenho intelectual, mais beleza, mais saúde, etc. A racionalidade neoliberal parece impor ao *phármakon* uma modalidade de uso que visa *upgrades* corporais e mentais, ou seja, aumenta a produtividade, aprimora atenção, impulsiona a performance. Até mesmo no lazer o potencial de obter prazer é elevado: há um sem-fim de drogas utilizadas em festas, no sexo, em esportes e eventos sociais que possuem como único fim fazer gozar mais.

Em uma sociedade na qual a moderação e a temperança passam a ser vistos como deficitários, parece ser inevitável que o abuso se torne regra. Nesse sentido, os “drogados” não são os outros, os disfuncionais ou os doentes, e esse uso nem ocorre à margem, lá fora, nos limites do pertencimento social: os abusadores de drogas (e de tantas outras possibilidades de dar prazer de forma imediata) somos todos nós, porque bem ou mal pertencemos a um horizonte histórico alicerçado pela racionalidade neoliberal no qual não só a condição humana é vista como caduca, mas a própria dor também se tornou tamponável.

Referências

AMSTERDAM, J.V.; OPPERHUIZEN, A. & HARTGENS, F. Adverse health effects of anabolic-androgenic steroids. **Regulatory Toxicology and Pharmacology**, 57(1), pp. 117-123, 2010.

BARDWELL, G.; KERR, T. AND MCNEIL, R. The opioid overdose epidemic and the urgent need for effective public health interventions that address men who use drugs alone. **American Journal of Men's Health**. Edit. pp. 1-4, 2019. DOI:10.1177/1557988319859113.

CAPONI, S.; VERDI, M.; BRZOZOWSKI, F.S. & HELLMANN, F. (orgs.) **Medicalização da Vida: ética, Saúde Pública e Indústria Farmacêutica**, 1ed. Ed. Unisul, 2010.

CHEGENI, R.; NOTELAERS, G.; PALLESEN, S. & SAGOE, D. Aggression and Psychological Distress in Male and Female Anabolic-Androgenic Steroid Users: A Multigroup Latent Class Analysis. **Front Psychiatry**, 12(1), 2021. - <https://doi.org/10.3389/fpsyt.2021.629428>.

CHRISÓSTOMO, M.C.; MOREIRA, J.O.; GUERRA, A.M.C. & KYRILLOS NETO, F. A pesquisa psicanalítica de fenômenos sociais: algumas considerações. **Psicologia em revista**, 24(2); pp. 645-660, 2018.

CUNHA JÚNIOR, A. G. Alteridade e poder na relação médico-paciente. **Revista JRG De Estudos Acadêmicos**, 5(11), pp.481-490, 2022. <https://doi.org/10.5281/zenodo.7390508>

FOUCAULT, M. **Microfísica do Poder**. Ed. Graal, 1989.

FRANKE, W.W. & BERENDONK, B. Hormonal doping and androgenization of athletes: a secret program of the German Democratic Republic government. **Clinical Chemistry**, 43(7); pp. 1262-1279, 1997.

FREUD, S. (1914) Sobre o narcisismo: uma introdução. In: **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**, vol.XIV, Ed.Imago, 2006.

_____. Psicologia de Grupo e Análise do Ego (1921). In: **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**, vol XVIII, Ed. Imago, 1996.

_____. **O mal-estar na civilização** (1929). Ed. Imago, 1997.

GIANESI, A.P.L. **A toxicomania e o sujeito da psicanálise**. *Psychê*; 9(15), pp. 125-138, 2005.

JERUSALINSKY, A.N. Gotinhas e Comprimidos para Crianças sem história. Uma psicopatologia pós-moderna para a infância. In: Jerusalinsky, A.; Fendrik, S. (orgs.) **O livro negro da psicopatologia contemporânea**. 2ed. Via Lettera, pp. 231-242, 2011.

KEHL, M.R. A atualidade das depressões (como pensar as depressões sem o DSM-IV) In: Jerusalinsky, A.; Fendrik, S. (orgs.) **O livro negro da psicopatologia contemporânea**. 2ed. Via Lettera, pp.103-128, 2011.

KUIAVA, E.A. & ZEVALLOS, V.P.G. A escrita e o phármakon: um estudo a partir da desconstrução derridiana. **Anais do V Congresso Internacional de Filosofia e Educação**, Rio Grande do Sul, 2010.

LEMONS, I. **O gozo cínico do toxicômano**. *Mental*, 2(3), pp. 51-60, 2004.

MAINGUENEAU, D. **Novas tendências em análise do discurso**. 3ed. Ed. Pontes/ Ed. da Unicamp, 1997.

MELMAN, C. **Alcoolismo, delinquência, toxicomania: uma outra forma de gozar**. Ed. Escuta, 2000.

MILHOMEM, T. A.; SILVA, D. C. C. & REIS, R. S. (2022) O uso de substâncias psicoestimulantes entre acadêmicos: uma revisão integrativa. **Scire Salutis**, 12(1) pp.62-73, 2022. DOI: <http://doi.org/10.6008/CBPC2236-9600.2022.001.0008>.

MILLER, J.A. Introdução à leitura do seminário da Angústia de Jaques Lacan. **Opção Lacaniana**, 3 (4) (43), pp. 7-91, 2005.

MOLINERO, O. & MÁRQUEZ, S. Use of nutritional supplements in sports: risks, knowledge, and behavioural-related factors. **Nutr Hosp**, 24(2), pp. 128-134, 2009.

MONTENEGRO, Y.L.; PAIXÃO, A.K.R.; MARTINS, N.C.; BRILHANTE, A.V.M. & BRASIL, C.C.P. A mudança discursiva na assistência ao usuário ou dependente de drogas: análise de discurso crítica de uma lei federal. **Ciência & Saúde Coletiva** [online]. 27(05), pp. 1713-1722, 2022. <https://doi.org/10.1590/1413-81232022275.24022021>

NAVAES, J.O.S.; CASTRO, L.L.C. DE; CARVALHO, C.M.S. DE & MERCHÁN-HAMANN, E. Automedicação: uma abordagem qualitativa de suas motivações. **Ciência e Saúde coletiva**, 15(1), pp.1751-1762, 2010.

OLIVENSTEIN, C. **O destino do toxicômano**. Ed. Almed, 1985.

OLRICH, T.W. & EWING, M.E. Life on steroids: bodybuilders describe their perceptions of the anabolic-androgenic steroid use period. **Sport Psychol.**, 13(1), pp. 299-312, 1999.

ONG, L. F. S. **Crítica da Razão Clínica - Contribuições à análise: fundamentação, prática e psicopatologia epocal**. Tese (doutorado). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2022.

PACHECO FILHO, P.A. Toxicomania: um modo fracassado de lidar com a falta estrutural do sujeito e com as contradições da sociedade. **Mental**, 5(9), pp. 29-45, 2007.

POSTIGO, V.M.C. **Adicção: um estudo sobre passividade e violência psíquica**. Ed. Juruá, 2010.

ROSA, M.D. A pesquisa psicanalítica dos fenômenos sociais e políticos: metodologia e fundamentação teórica. **Revista Mal-Estar e Subjetividade**, 7(2), pp. 329-348, 2004. <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/malestar/v4n2/08.pdf>

ROSA, M.D. VINCENTIN, M.C. & CATROLI, V.S.C. Viver em tempos sombrios: a experiência e os laços com os contemporâneos. **Psicologia em Revista**, 15(1), pp. 51-68, 2009.

RÚBIO, K. & NUNES, A.V. Comportamento de risco entre atletas: os recursos ergogênicos e o doping no Século XXI. **Revista Brasileira de Psicologia do Esporte**, 3(4), 2010. <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/rbpe/v3n1/v3n1a10.pdf>

SANTIAGO, J. **A droga do toxicômano**. Jorge Zahar Ed., 2001.

SKARBERG, K. & ENGSTROM, I. Troubled social background of male anabolic-androgenic steroid abusers in treatment. **Subst. Abuse Treat Prev. Policy.** 2 (20), 2007. <https://psycnet.apa.org/doi/10.1186/1747-597X-2-20>

VOCARO, A. Seria a toxicomania um sintoma social? **Mental;** 2(3), pp.61-73, 2004. <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/mental/v2n3/v2n3a06.pdf>

WEISS, M. & ZOOROB, M. Political frames of public health crises: Discussing the opioid epidemic in the US congress. **Social Science & Medicine.** 281(1), 2021. <https://doi.org/10.1016/j.socscimed.2021.114087>, 2021.

Recebido: 24.06.2023
Aprovado: 29.09.2023